

A VIDA PORTUGUESA

Quinzenário de inqué-
rito à vida nacional.

Director—JAIME CORTESÃO

Propriedade da
RENASCENÇA PORTUGUESA

Secretário da redacção e administrador: ÁLVARO PINTO — Editor: Costa Júnior

Redacção e adm.º, R. Sá da Bandeira, 363-2.º — Tip. Costa Carregal, tr. P. Manuel. — Assinatura, 10 n.ºs 200 réis. (Brasil — 1\$000 rs. fr.)

O ELOGIO MÚTUO

Uma das graves faltas de que a *Renascença Portuguesa* tem sido acusada por uma espécie de gente, que alcança toda a sua reputação desfazendo na alheia, é a do *elogio mútuo*. Por esse termo deve entender-se, em nossa opinião, a simpatia espiritual, a intercompreensão mais viva em criaturas ligadas por um mesmo conjunto de ideias e muito designadamente pela mesma alta finalidade. Trata-se duma confusão de más intenções. E' certo também que os detractores de officio mais gostariam de nos ver inimizados, divididos em agressivos bandos, para mais glória de sua crítica calabresca.

Ora succede que um dos nossos amigos, divergindo ha muito duma parte da nossa obra, nos vem atacar em artigo dirigido para *A Vida Portuguesa*. António Sergio acusa-nos também de... elogio mútuo. Não tem este illustre-escritor nada que vêr com aqueles pseudo-críticos de quem ha pouco falávamos. O espirito de António Sérgio, tão claro e penetrante por vezes, está actualmente turbado por uma terrível doença—um pessimismo de origem afectiva. Só assim se explicam certos exageros de apreciação e a negra côr com que tudo vê através dos seus óculos escuros de erudito e pessimista.

Algumas das suas afirmações serão aqui mesmo discutidas noutra ocasião. Por agora notaremos que o próprio sr. António Sérgio se encarrega de dar o desmentido a uma das suas acusações. Quem lêr o artigo de António Sérgio, duma crítica tão pouco lisongeira, convencer-se-ha de que se não trata ali de... elogio mútuo e ha de ver também que esse nosso terrível defeito é compatível com a publicação das mais amargas e agrestes referências á nossa obra, no mesmo lugar em que a defendemos.

Golpes de malho em ferro frio

Aos portugueses de 16 anos que não
ambicionam sêr poetas líricos

Sê empreendedor e independente; trabalha para ti e para os teus; serve a comunidade sempre que possas, mas não cuides jamais em ser servido por ela.

Ha duas maneiras de servires os teus interesses: uma delas lançando mão dos teus proprios instrumentos, da tua cabeça e do teu braço; a outra é recorrendo aos órgãos da comunidade—governos, parlamentos, homens de influencia, etc. A primeira, só, é legitima, e produz as belas nações, sadias e virtuosas; a segunda é ilegítima, e faz os povos fracos e sem virtude.

«Sê empreendedor e independente, trabalha para ti e para os teus,» comecei eu por te dizer. O grande pecado português foi violar esse mandamento.

Mas isto leva-me a filosofar sobre a historia da nossa «Raça».

Anthero de Quental, na conferencia sobre as *causas da decadencia dos povos peninsulares* apontou entre as suas tres causas a que me parece fundamental: a Conquista; mas deu-a, infelizmente, em terceiro lugar, e como consequencia das outras duas (a transformação do catolicismo pelo concilio de Trento e o estabelecimento do absolutismo, com a ruina das liberdades locais e a ausencia da classe media). Sempre admiravel quando descreve, Oliveira Martins entretece não raro explicações obscuras, já pelos arrastres sentimentais do seu patriotismo iberico, já pelo horrôr saudavel ás doutri-

nações simplistas. Na *Historia de Portugal* de tal maneira gravou o quadro que a conclusão (1) natural se impõe a todo o espirito ingenuo, alheio a metafisicas poetizantes; mas as explicações da *Civilização iberica* em vez de o aclarar enredam o problema. Foi o economista muito mais poetizante e menos economista do que o poeta, o que era inevitavel dada a sua attitude apologetica para com as nações ibericas, em prejuizo das protestantes.

Oliveira Martins, portanto, recusando a ideia mãe de Antero, opina «que as causas da decadencia da peninsula não são uns certos e determinados factos perversos, que devam contrapor-se ás causas da sua anterior prosperidade e gloria,»—e nisto, até certo ponto, pode ser que tenha razão, conforme aquilo a que chamarmos «prosperidades e gloria». Mas já decerto a não tem quando afirma a existencia necessaria desse facto para todos os povos e individuos: «as causas iniciais da vida e da morte são as mesmas...; a decadencia das nações e a morte dos individuos são condições, necessarias ambas, da sua grandeza e da sua existencia...»

Como questão de direito, em primeiro lugar, não sabemos se as causas iniciais da vida e da morte são as mesmas, nem o que seja a morte *necessaria* dos organismos

(1) Ha mais de 15 anos, era eu colegial, a leitura da *Historia* de Martins me suggeriu as conclusões que vão ler-se; só mais tarde vim a ver que o que eu tirara da minha leitura não era a doutrina do autor.

sociais; e em segundo, não se trata da vida das Espanhas (Portugal e Castela) nem da sua morte, que se não deu, mas sim da sua *momentanea* grandeza e da sua *duradoura* abjecção. Como questão de facto, por outro lado, nações ha que nos não mostram esse fenomeno de decadencia rápida e permanente, duradoura, depois de uns instantes de esplendor — a França, por exemplo, ou a Inglaterra, ou a Austria. O problema, portanto, foi mal posto, e a descida rápida e rectilinea, por assim dizer, das nações peninsulares, comparada ás curvas de baixa passageira de outros povos europeus mostra a existencia no nosso caso de alguma causa mais profunda, num problema que não é de vida nem de morte, porque as Espanhas vivem, mas o da queda maior e mais teimosa de todas as quedas europeias.

Oliveira Martins não se furta entretanto a decompor o fenómeno em tres factores: «Se quizermos resumir em poucas palavras as causas de desorganisação da sociedade peninsular, achamos três que nos dão a chave do problema: o Individualismo, o Jesuitismo e as Conquistas. Todas três são, agora, formas corrompidas de um grande pensamento já anaerónico; e assim, o verdadeiro e unico principio da corrupção está no proprio facto da grandeza anterior. O Individualismo dera os grandes homens, agora dá apenas miseraveis que afectando grandeza num luxo immoral, pensam que o ouro e a dissolução bastam para criar e manter uma aristocracia. O Jesuitismo, ou antes o movimento místico donde ele saíra, fôra a intima fibra, a mola interior da energia peninsular, e agora é apenas uma religião de morte e uma escola de sistemática perversão. As conquistas foram a empreza que os dois sentimentos anteriores levaram a executar, e agora são apenas a sentina que vasa sobre a península um ouro corruptor, o estigma da escravidão, a sífilis, o amor da ociosidade, a desordem dos costumes.»

Afirma-se aí, portanto, que a causa da decadencia está «no proprio facto da grandeza anterior». Mas por que processo é que esse facto determinou tão grande queda? Porque foi o facto da grandeza instantâneo para nós, e se não prolongou por mais tempo, assim como o facto da grandeza da França, e o da grandeza da Inglaterra? Porque é que Portugal *caiu*, exausto, até hoje, e a Holanda desceu mas não caiu, de-

pois dos seus tempos de esplendor?

O Individualismo deu grandes homens, e dá agora miseraveis; o Misticismo foi fonte viva e é agora apenas uma religião de morte; — porque mudaram de feição? É porque são causas de decadencia quando o foram de grandeza? — Evidentemente, porque não são a causa, senão vitimas tambem, como tudo mais, da verdadeira causa perversora. Com efeito, nem todos os misticismos dão jesuitas, nem todos os individualismos, miseraveis; — mas todo o habito de conquista traz a abjecção das sociedades (toda a conquista — modo-de-vida, toda a conquista da forma saque): todo o viver parasitario causa a degenerescencia individual e a decadencia colectiva. E por que processo? É facil vê-lo; a função cria, desenvolve, aperfeiçoa o orgão; e um povo que não precisa esforçar-se, pensar, empreender, inventar, produzir, para ganhar a vida, porque saqueia, deixa de exercer essas funções e acaba por as perder totalmente. É falso que as conquistas sejam *agora* (seculos XVII e XVIII) «a sentina que vasa sobre a península um ouro corruptor, o estigma da escravidão, a sífilis, o amor da ociosidade e a desordem dos costumes:» porque a conquista fez isso *sempre*, desde o começo, desde o primeiro dia; o saque não mudou de aspecto, sempre corruptor e corrompido; e falso é tambem, como veremos, ser a conquista uma consequencia do Individualismo e do Misticismo.

Mas que se intende por «grandeza» da Península? A sua superioridade nas industrias, nas sciencias, nas artes, nas actividades produtoras? Não (¹); mas a sua energia batalhadora, e a Conquista, e o ouro que lhe deu essa conquista. Uma vez que se defina a grandeza pela conquista, é evidente que o espirito de conquista fez a «grandeza» das Espanhas; mas logo tambem a conquista corrompeu a alma iberica, e a tornou incapaz de acção normal. Como a causa da grandeza era a causa da decadencia, a decadencia começou com a grandeza; e como atacou a propria fonte de toda a energia criadora, normal e sã, e o parasitismo continuou, — a decomposição foi-se prolongando, até hoje, no que somos excepção em toda a Europa.

Mas passemos a Antero do Quintal. Vimos que são tres as causas da decadencia apontadas no seu discurso:

(¹) A camaradagem do Turco confirma a doutrina.

1.º a transformação do Catholicismo pelo concilio de Trento 2.º O estabelecimento do Absolutismo, com a ruina das liberdades locais e a ausencia da classe media; 3.º as Conquistas.

Depois de as desenvolver e comentar, o poeta afirma ser esta ultima (assim como vimos em Oliveira Martins) uma consequencia das outras causas.

«Ha com efeito, diz ele, nos actos condenaveis dos povos peninsulares, nos erros da sua politica, e na decadencia que os colheu, alguma coisa de fatal: é a lei da evolução historica, que inflexivel e impassivelmente tira as consequencias dos principios uma vez introduzidos na sociedade. Dado o catholicismo absoluto, era impossivel que se lhe não seguisse, deduzindo-se dele, o absolutismo monarchico. Dado o absolutismo vinha necessariamente o espirito aristocratico, com o seu cortejo de privilegios, de injustiças, com o predominio das tendencias guerreiras sobre as industriais. Os erros politicos e economicos saem daqui naturalmente; e de tudo isto, pela transgressão das leis da vida social, sai tambem naturalmente a decadencia sob todas as formas.»

Esta ordem de filiação, estabelecida por Antero e depois aceita, é um erro de cronologia evidentissimo. O Concilio de Trento e o absolutismo não causaram nem precederam o «predominio das tendencias guerreiras», porque o predominio das tendencias guerreiras foi, desde o principio, a condição de existencia das nações peninsulares. O poeta não viu assim com nitidez a completa originalidade de condições em que a invasão dos Arabes nos meteu. Não foi com as «Conquistas» (as do Ultramar) que o regime da conquista começou, pois que a Espanha nasceu pela Re-conquista; inicialmente se formou do Assalto, que demanda a existencia dum comando forte. Sem Cids não ha Espanhas, e a ordem dos fenomenos é a inversa daquela que Antero aponta: o dado inicial e a causa das causas foi o espirito conquistador, o «predominio das tendencias guerreiras», condição *sine qua non* da existencia de uma Espanha, como se verifica imediatamente pelas exigencias da reconquista. Desde o covil das Asturias que andámos talando na moirama e vivendo do seu saque; e depois de uma epoca sedentaria que normalizou a nossa vida, o Infante D. Henrique e Afonso V continuaram a caça ao perro moiro, para alem do estreito onde se acolhera. Representa assim Dr Henrique a

tendência a continuar a reconquista, e o irmão D. Pedro, pelo contrario, a tendência a tomar como definitivo aquele modo de vida dos seres normais que foi o das restantes nações da Europa. D. Pedro, o velho do Restelo e Mousinho da Silveira são tres realizações da mesma idea, normalizadora e higienica; e graças ao triunfo de D. Henrique desapareceu o trabalho da nossa historia até á separação do Brasil ⁽¹⁾ e ás reformas de Mousinho: Ceuta é a continuação de Covadonga, Gôa e Ormuz a continuação de Ceuta, e o Brasil, finalmente, a continuação de Ormuz e Gôa.

Em que consistiu, de feito, o modo de vida da nação nos seculos XVI, XVII e XVIII? Em sugar o infiel, como d'antes. ⁽²⁾ «Si con moros lidiaremos no nos darán del pan.» As energias da «Raça» (estilo neolusitano) podem resumir-se naquelas epochas, gloriosas ou não, por esta unica palavra: parasitismo. Depois do parasitismo heroico, da furibunda ladroagem sanguinaria sobre a riqueza indiana acumulada por um trabalho precedente, vem o parasitismo manso, barrigudo, brasileiro, da exploração da riqueza a produzir pelo trabalho do negro escravo. Independente o Brasil ficou a sugadeira das colonias ⁽³⁾ e o parasitismo do emprego publico: porque depois dos successivos corts, o parasitismo foi-se adaptando ás novas condições. Nem faltou o parasita revolucionario, aparecido com a liberdade, desde que um resultado palpavel de todas as balburdias politicas tem sido, invariavelmente, a invasão do orçamento pelo parasita em armas.

É o processo heroico ou indiano que renasce, depois de intervalos de parasitismo pacato ou brasileiro. A India agora é o orçamento, e o *tubarão* na sua rotunda pança bem provida retrata a vela bojuda dos galeões abarrotados de pimenta.

Resumindo ás coisas geometricamente:

Havia primeiro a vítima, indio, *mouro* ou negro trazido de Africa; sobre elle sugava o parasita directo, ou de primeiro grau, o portuguezinho valente que ia á India

e ao Brasil, e que alimentava o Estado pelo tributo; seguia-se o parasita do Estado, que compreendia duas especies: a secular (fidalgos da côrte, desembargadores, empregados públicos de todo o género) e a eclesiastica, ou dos padres e dos Conventos. Desses dois parasitas do segundo grau, ou do Estado, vivia o de terceiro grau, ou povo demendigos, que «ia de porta em porta, pelas casas fidalgas, pelos conventos e passais dos prelados, conezias e abadias, a pedir que lhe matassem a fome...»

Poderíamos assim desenhar um quadro:

Parasita	1.º grau	de riqueza acumulada, ou glorioso
		de riqueza a produzir, ou brasileiro
	2.º grau	secular
	3.º grau	povo de mendigos

Os Ingleses e Holandêses arrancaram da India o *glorioso*; a separação do Brasil e os liberais cataram o *brasileiro* e o *eclesiastico*; e todo o país se dividiu em duas classes: uma que se viu forçada ao trabalho e deixou de ser parasita; e outra que encheu a classe do parasita de Estado secular, a unica restante em grande escala.

E' este o fenomeno basilar de que tudo mais são consequencias; foi o sistema parasitario que nos degradou o organismo. Na ânsia porêem de achar um bode expiatorio, caímos a fundo sobre o jesuita, como causa primaria de todo o mal... Mas tambem do imperio do jesuita foi culpado, indirectamente, o sistema sugatorio.

Mesmo que não fosse ele, jesuita, nas suas modificações e desenvolvimentos, um dos produtos do sistema, a sua tromba seria enxotada por um povo que se mexesse, com actividade produtora. O homem de trabalho põe as ideas religiosas ao serviço da sua actividade, o aventureiro ao serviço da sua aventura, e o mendigo ao serviço da sua indolencia. O burguez produtor e forte, rico pelo seu trabalho e por ele educado, não deixa o espirito á mercê de um padre como um aventureiro e um mendigo, nem abandona sobre um altar o dinheirinho que ganhou, como faz o saqueador ao seu saque, temeroso das contas a dar no céu (*): —su-

pondo mesmo que certa especie de sacerdote é uma entidade imposta, enviada da região do imaginario, sem ligações de proveniencia ao país em que nasceu. Porisso o comerciante alemão, o flamengo, o inglês, defenderam o seu dinheiro contra a formidavel espoliação catolica (orgão parasitario e religião caríssima, com suas peregrinações e penitencias, suas indulgencias, seus tributos a Roma e suas pompas) e decidiu-se por uma religião baratinha, cujas despesas se reduziam á compra de uma biblia. Eis um dos aspectos da Reforma, de certos triunfos da Reforma, que chama a tua meditação.

«O vencedor foi o genio mercantil, e não o genio religioso das nações protestantes», assevera Oliveira Martins, com evidente orgulho iberico. Seria mais exacto dizer: o genio *industrioso* das nações protestantes. Todos andaram caçando o ouro, meu amigo; mas nós «*pelejámos e roubámos*», como diz Gil Vicente, e eles *trabalharam e ganharam*: ganharam-nos a nós o que roubámos, dando-nos o pão, o fato, o vidro, e tudo. Não te digo que eles, no nosso caso, não fizessem o que fizemos, e nós não fizessemos o que fizeram, nas suas condições: todas as hipóteses desse genero teem o seu quê de infantis: Mas uns e outros mostramos hoje as consequencias da nossa historia. Não foi, não, o genio religioso dos protestantes que lhes deu a supremacia; mas não foi o nosso misticismo que realizou as conquistas, como o historiador assegura. «O que move Colombo é a intenção superior, é a fé... Deus apparecia-lhe na viagem... Ya dije que para la execucion de la impresa de las Indias no me aproveché razon, ni matematica, ni mapamundos: llenamente se cumplió lo que dijo Isaias...» Não era porêem com estes argumentos que ele convencia os reis catolicos: «el oro es escellentissimo; del oro se hace tesouro, e con el, quien lo tiene, hace quanto quiere en el mundo y llega que hecha las animas al paradiso.»!

O conquistador ouviu este *reclame*; e Pizarro, ignorando os motivos transcendentales que os historiadores mais tarde atribuiriam aos seus actos, ia-se contentando em explicá-los com esta nitidez

dizer muitissimas coisas destas, e de citar Lope de Vega:

No los lleva cristandad
Sino el oro y la codicia,

não deixa porêem de concluir que «o misticismo espanhol realisou o movimento extraordinario das descobertas e conquistas ultramarinas.»

(1) Todos viam a necessidade quando o Brasil se separou de cortar fundo no sistema de *instituições parasitarias* (Oliveira Martins)

(2) Creio que as causas da decadencia dos povos peninsulares se poderiam resumir nestes 2 termos: *parasitismo e purificação*: Estas duas causas ainda hoje actuam.

(3) Como é sabido, nas nossas colonias é o estrangeiro que *trabalha*; nós arrecadamos o imposto, quer dizer, *parasitamos*.

(*) «Os escrupulos occupam a metade da cabeça que a brutalidade guerreira deixa livre». Oliveira Martins, apesar de

euclidiana: «Por aqui se va al Peru á ser ricos; por acá se va á Panamá á ser pobres; escoja el que sea buen castellano lo que más bien le estuviere!»

Não será pois muito aventuroso afirmar que se o Catolicismo de Trento e o Absolutismo, que Antero coloca no principio, se impuseram ás Espanhas com tão pesadas consequências, foi isso em virtude das condições em que o nosso modo de vida nos colocou. A ordem, como dissémos, deve ser a inversa da do poeta. Já antes do Concilio «a monarquia espanhola fora a primeira que, entre as da Europa moderna, conseguira centralizar o poder no trono», e desde os dias de Pelayo as tendências guerreiras dominavam.

Gravitam todos para o poder, no estado de guerra da humanidade, em que vivemos hoje ainda: todos os homens para senhores, todos os senhores para o absolutismo, e as Igrejas em geral, para o dominio da sociedade. Para a historia não é isso um mal nem um bem, desde que é inevitavel, e da propria humana natureza; o mal é a causa em virtude da qual em certas sociedades os esforços absolutistas triunfam por completo, ao passo que em outras pouco alcançam; o mal é a falta de resistencia.

Mas onde residiria a resistencia? Em todos os homens capazes de subsistir por si, nos que sentissem interesse em ser empreendedores e independentes; nos aristocratas, quando eles o eram não só de sangue mas de dominio forte, quando havia, em resumo, uma riqueza propria em que se apoiassem. Logo que o nobre, porém, passa de senhor rural a senhor pação, de representante de uma terra produtora a completo parasita do seu rei, troca-se a resistencia ao soberano em instrumento do seu talante.

A resistencia poderá então provir de uma classe media, de uma burguezia de industriais e mercadores, homens de empreendimento e independencia, representantes eles agora de verdadeiras forças produtoras. Quando esta classe tambem falta, então não ha forças resistentes, e o país inteiro pede o mando de um senhor absoluto que dirija a faina.

No inicio da historia das nações ibéricas vê-se um covil de salteadores nas Asturias, diante desse extremo da Europa onde o Arabe, oceano tempestuoso, depositou as riquezas arrastadas num diluvio que galgando a Africa varreria a Europa de além Pyreneus se Car-

los Martel, em Poitiers, o não fizesse refluir. Desde esse momento toda a historia das Espanhas é a da conquista cada vez mais larga do salteador das Asturias sobre o infiel: primeiro sobre o infiel da Peninsula, e sobre a riqueza que os infieis trouxeram para a Peninsula ou criaram nela; e depois sobre as riquezas que infieis e herejes de toda a especie guardavam da Europa, Africa, Asia, America e Oceania. Do seu covil das Asturias o genio depredador do Espanhol, educado na reconquista, largou o vôo a assaltar o mundo...

Uma vez corrida toda a Iberia, o habito secular da *razzia* impeliu o Cid até ao fim,—e quando foi preciso que a Espanha, unida como um homem, se atirasse ao assalto do Universo, as condições necessárias existiam: e ahí temos como a feição politica e religiosa que Portugal e Castela nos apresentam são verdadeiras necessidades desse modo de ser peculiar: são a organização do assalto armado, são as instituições conquistadoras. Com efeito, quem se apoia no seu trabalho sente-se forte, quer garantias para a sua propriedade e sua industria; mas quando o grande modo de vida é a ladroagem, dirigida pelo rei, todos desejam ser da quadrilha e servir sob o mando de Sua Alteza: *todos del-rei*, diz o poeta, *todos del-rei, todos del-rei!*

Da determinação do maior mal—a do remedio surge pronta.

A primeira dificuldade é convencer o português,—que inda sente o heroismo esquentar-lhe as veias,—de que ele foi sempre um parasita. A segunda, o com quem, e como, hade ele aprender essa disciplina do trabalho que não temos por hereditariedade ou tradição, pois os antepassados a não conheceram. Deixa-me desde já responder-te:

Com quem:—Com o estrangeiro.

Como:—Fazendo na sua officina como ele faz, e não nos limitando a ler os livros que ele escreve.

Contra todos estes preceitos:—não sabes trabalhar porque descendes do parasita; has-de aprender com o estrangeiro; tens de te matricular na sua officina,—se ergue o patriotismo lusitano. Grandes patriotas somos nós todos! Enquanto esses japoneses, que tudo aprenderam do estrangeiro, são, como sabes, de um despatriotismo miseravel.

Dir-te hão que aprenderes é desnacionalizar-te. Olha então indefinidamente para o proprio nariz, e morre. Nota entretanto que todas

as grandes civilizações, escolas literarias, etc., se formaram ao contacto de correntes estranhas. No campo das altas manifestações do espirito, a Grecia bebeu no Oriente, Roma bebeu na Grecia, a Italia do Renascimento na Grecia e em Roma, a Espanha com toda a Europa bebeu na Italia, a França do seculo XVII na Antiguidade e na Espanha, e assim sucessivamente. Os que se dizem lusitanos puros, e abominam Paris de França, ou ou te não apresentam idea alguma, ou se as apresentam são todas francêsas: dissolvidinhas na agua da casa perderam o perfume do fabricante. Tal pseudo-sabio que nos prega lusismo nunca nos impingiu, como ideas gerais, senão velharias francêsas que não conseguiu digerir, e só francêsas ou vulgarizadas pelo francês. Foi ele que continuou na nossa escravidão intelectual á França, de que Herculano e Antero nos quiseram libertar. Suponho que Augusto Comte não descendia de Viriato. Mas talvez a Miss Martineau fosse ligurica!

Dizer que o povo português se perdeu porque se desnacionalizou é empregar uma palavrinha ôca que fala ao sentimento e sôa bem, mas que não explica coisa alguma.

Nunca aceites como explicação uma palavra que te não decomponham em factos concretos e vitais cuja ligação tu apreendas. O povo português desnacionalizou-se tanto ou menos que qualquer outro,—e talvez menos que qualquer outro, pela razão de que estacou. Os modernos dirigentes teem-se reduzido a imitar a França e uma França do tempo dos Afonsinhos; mas repara que o mal deles não tem sido o aprender com estranhos, mas o aprender superficialmente, retoricamente, com mestres já atrazados e em terceira mão, por intermedio de palradores de quinta ordem, e esses de *um só país* e de uma escola,—para depois applicarem como cegos. Que culpa tem a França de que os intellectuais portugueses se vão apetrechar de sciencia historica e politica, não aos seus modernos sociologos e historiadores, mas a Dumas e Victor Hugo?

Todos imitam, meu amigo. Uns imitam genialmente e outros imitam lorpamente. Mas todos imitam. Camões imitou genialmente latinos, gregos, italianos e espanhoes. Com genio ou sem ele, uns imitam em primeira mão, outros em segunda e em terceira. Dizia-me o amigo Banana que o lusismo saudosista era o celticismo do Renan em quarta mão. Não sei se já viste

rapazolas brincarem de guerreiros, batendo-se com canas, e ao lado um bambinito que para imitar os mais crescidos agita ao de leve uma palhinha. Está longinquamente, sem o saber, guiando o seu gesto pelo de Achilles; prende-se a palhinha por fios invisíveis ao montante de Nun'alvares. Nesta questão do genio português—sempre repetindo o tal amigo—o montante fôra o Renan: Oliveira Martins uma espada de lata, ainda fulgurante e ainda bela; Frei Bernardo a cana rachada; e o saudosismo uma palhinha.

Mas fechemos o parentese: nós, portugueses, fazemos hoje francesismos: o que significa que na guitarra temos uma corda suplementar, uma *prima*, digamos, além do bordão da nossa «Raça». Os portugueses quinhentistas, que nos apontam como puros, faziam latinismos, italianismos, castelhanismos (que isto de luso e puro é tudo peta). Não repetimos pois agora que não havia corda suplementar, e que hoje a temos; senão que eles tinham três, e nós só uma. E portanto, para imitar os bons modelos, tomemos três boas cordas, façamos francesismos, inglesismos e germanismos. Mas não aprendamos a discursar, folheando os livros que eles escrevem; aprendamos antes a fazer, fazendo como eles fazem, e sobretudo como o caso pede. Em resumo, afastada a puerilidade absurda de não aprender nada de ninguém, a alternativa é esta: ou macaquear como até agora as aparências, os títulos, as palavras, numa mascarada ignobil de chéchés, ou aprender com seriedade e inteligência o muito, o imenso, o tudo que ignoramos e outros sabem.

A ignorância, Deus meu, a ignorância da realidade! Sabes tu que a ignorância do bacharel lusitano é infinitamente maior que o nariz do epigrama,—que posta entre o sol e a terra dava eclipse total? Na sombra desse eclipse vai toda a terra portuguesa!

De Latino Coelho, um que soube dar-nos pensamento europeu em castiça forma portuguesa:

«Assim como as sciencias naturais não podem assinar um ponto que em toda a terra seja autenticamente reputado um centro da criação animal ou vegetal, assim tambem, e ainda com mais imperiosos fundamentos, se pode asseverar que nenhuma civilização, dentro dos periodos historicos, brotou autoctona e espontânea... Só podem ser autoctonas, se por ventura o

são na realidade, as civilizações puramente embrionarias, de que ainda hoje, em antítese afrontosa com a multiforme cultura europeia ou oriental, nos oferecem curiosos exemplares as tribus selvagens, na America, nos arquipelagos do Pacifico, e noutras regiões, onde a vida, isolada e retraída do mais ligeiro trato com estranhos, não deixa penetrar um só raio de luz nas trevas centenarias daquelas brutas e apertadas gentilidades...

¿Não ha no mundo greco-latino uma genealogia de pensamentos e uma successão de grandes homens que não teem patria perante a ideia cosmopolita de uma solidaria civilização? Berkeley e Locke, Descartes e Ramus, Cardano e Campanella, são porventura nomes provinciais, e Kant, Hegel e a grande escola dos modernos pensadores alemães, criaram a sciencia vendando os olhos para que o lume já incendiado por outros engenhos felicissimos não profanasse com os seus raios a arrogante pretensão de uma originalidade pueril?... Á semelhança da moderna Alemanha, a Grecia antiga coligiu e concentrou tudo quanto as estranhas civilizações haviam produzido, e, como as industriosas abelhas do seu gentil Himeto, andou voejando de flor em flor para distilar o mel de uma cultura universal e opulenta.»

Bem sabemos que é isso para a Grecia antiga e para a moderna Alemanha. Para os Lusitanos do seculo XX fia a coisa mais fina: esses podem ter uma civilização autoctona... A das «trevas centenarias»? A das «brutas gentilidades»?

Ha nesse trecho de Latino umas frases que te proponho para tema de frequentes meditações: aquela solidaria civilização; aquela puerilidade de certos originais; aquela antítese afrontosa com a multiforme cultura europeia...

Quando, para seres lusista, fazes folk-lore, filologia, historia literaria, etc., estás applicando ideas estrangeiras, que estrangeiros te ensinaram. Pois se a propria palavra folk-lore,—ó vergonha!—não é lusitana, nem ligurica, nem... mosarabe!

Uma historiazinha para adormecer meninos:

Era uma vez um maluco, proprietario de um terreno arborizado á beira de uma estrada, que querendo imitar um vizinho senhor de um rico palacio, pôs entre as arvores do seu terreno uma grande lona pintada onde um scenógrafo

representara um palacio como o do outro. O nosso matuto deitava-se todas as noites ao relento por trás da sua lona, julgando-se instalado com todo o luxo. Ora um dia caíu uma grande chuva, a lona pintada foi a terra, e o matuto pôs-se a chorar o seu erro de ter feito como o vizinho.

Afóra o caso de dois ou três caturras que ninguem conhece, na nossa terra, instituições, repartições, sociedades, escolas, sabios, politicos, etc. que se dizem inspirados do estrangeiro, são pedaços de lona pintada, a fingir os palacios do estrangeiro. Falta-lhes a terceira dimensão, que é a da vida.—Pois se todos nós andamos na quarta!

Entre os raros que em ultima análise pensam mais que na barriga, uns querem casa portuguesa adaptavel á terra e á gente, e nesse ponto teem razão; outros querem casa estrangeira, e sou da opinião que fazem mal. Mas uns e outros a constroem com a antiga tecnica lusitana, no que todos eram igualmente. Faça-se a casa portuguesa, *mas com tecnica europeia e do nosso tempo.*

Convence-te de que o homem, e só o homem, é a origem directa de todos os males sociais e de todos os bens. Quando o homem tem uma boa cabeça e um bom braço, bem educados e empreendedores, todas as «condições naturais» se modificam favoravelmente, com os recursos da sciencia de hoje.

Porisso só tem valor a acção directa e concreta sobre o homem

Directa, quer dizer, a acção educativa exercida imediatamente por um homem sobre um homem, pelo exemplo e pelo manejo da realidade. Todos os intermediarios de leis, proteções, discursos, decisões governamentais, etc., representam acções a distancia improductivas no nosso caso.

Concreta, quer dizer, inspirada, na observação e estudo *do caso especial a resolver*, e não na leitura e discussão de ideas abstractas contidas nos cartapacios de generalidades. Concretiza todos os problemas nacionais, quer dizer não perguntas a ti mesmo, nem admitas que te perguntem, o que deve ser a educação, a instrução, a organização das forças armadas, a agricultura, a industria, etc., etc. Tudo isso para ti serão coisas inexistentes. O que isto é a educação de certo povo em certa data, e assim sucessivamente. Quando te

perguntarem pois como deve ser a educação, não percas no caso o teu tempo, e não respondas. Mas sim pergunta a ti mesmo como deve ser a educação mais conveniente para o povo português, neste precioso momento em que agora nos achamos.

Isto significa, por outras palavras: não sejas rético, não sejas livresco, não te alimentes só de papel escrito, não confundas o sabio-cisterna com o sabio-fonte. Emprega em tudo 1/16 de leituras gerais, 3/16 de leituras particulares, e 3/4 de atenta observação directa. (1)

Em Portugal, neste momento, a solução pratica immediata deve antepôr-se a tudo mais. Programa: educar o português para o trabalho e para a justa vida social. Para isso, recorrendo á tecnica do estrangeiro, estabelecer em termos concretos:

A instrução primaria;

As escolas de perseverança e desenvolvimento, para adultos, complemento necessario da instrução primaria.

A escola normal, fabrica de bons mestres, donde parta o movimento para tudo, cérebro e coração de todo o sistema;

A instrução professional-industrial, essencialmente pratica, que habilite o português a ganhar o seu pão e a ser empreendedor e independente;

Para o movimento inicial, recorrer ao exterior; não ha no mundo outro processo. E quanto a leis e a programas,—os bons mestres serão autorizados a ensinar como melhor souberem, visando ao maximo rendimento pratico, e radicando no português o amor ao trabalho e á iniciativa.

Não te falo da especulação e da alta sciencia. Vejamos se o doente escapa á morte, e tudo isso chegará depois. Verás nisto pouco ideal; mas não é caminhar pouco para o ideal o transformar um parasita num ser activo e independente, e proporcionar ao trabalhador elementos de trabalho.

Para produzir é preciso saber; saber, não as ideas geraes que veem nos livros de generalidades, mas os processos por que elas se as alcançam, os métodos de trabalho, maneiras de fazer. Convence-te de que saber, realmente, é *saber fazer*.

(1) Um exemplo dessa maneira abstracta de tratar as cousas se pode vêr sensatissimamente criticado no artigo do snr. Albano de Sousa, inserto no n.º 12 da *Vida Portuguesa*.

Mas isto já está dito em verso português por Camões:

Não se aprende, Senhor, na fantasia,
Sonhando, imaginando, ou estudando,
Senão vendo, tratando, pelejando. (1)

E S. Francisco: Tantum homo habet de scientia quantum operatur.

A primeira virtude politica é não ser politico de profissão.

A reforma da nação deve conseguir-se pela reforma de cada membro individualmente procurada. Os costumes só se corrigem pelos costumes. Os cancos da politica não são sanaveis por meios politicos.

Não quero dizer com isto de maneira alguma que desprezes a cooperação; mas lembra-te que cooperar é operares tu, tambem, com os outros, e não esperar que os outros operem por ti e para ti.

Quero principalmente insinuar que não esperes tudo dos Senhores Ministros. Não cumpre ao Estado substituir a iniciativa particular, mas sómente informá-la, esclarecê-la, educar o trabalhador, e favorecer quanto possivel a acção do pobre á propriedade.

Pois não sentes toda a mesquizez desta idéa: dois milhões de homens válidos á espera que sete cavalheiros lhes ponham na boca o *biberon*?

O nosso Estado é uma turba de politicos e empregados publicos, e o que esse Estado principalmente faz é nutrir-se a si proprio á tua custa.

«As leis e os estadistas, escreveu o historiador inglês Lecky, indicam e ratificam, mas não criam: são como os ponteiros de um relógio, que se movem obedientes a um maquinismo oculto por trás deles.»

Mas antes de Lecky, já o sólido Sá de Miranda tinha dito admiravelmente:

Não valem leis sem costumes,
Valem costumes sem leis.

Da correspondencia de um poli-

(1) Fiel quanto ao sentido, deve esta citação estar errada pelo que respeita aos vocabulos. Não tendo comigo os meus livros, não posso verificá-la. Perdõe o leitor estas más consequencias da vida — muitissimo mais que a do épico «pelo mundo em pedaços repartida» — dum cosmopolita de sete officios.

tico português para um periodico do Brasil:

«Oxalá que esta nova quadra fruteie boas leis para o país».

— Boas leis!...

Palavras leva-as o vento,
Cartas de amor são papeis,

diz a bela quadra de Augusto Gil. Não te esqueças de que só o homem tem valor como instrumento de reforma. *The right man in the right place*:

Discursos leva-os o vento,
Reformas, leis, são papeis,

papeis absolutamente inuteis sem a prévia existencia do *right man*, que os queira cumprir e fazer cumprir. Todas as soluções dependem inicialmente da existencia desse homem, e portanto da educação.

A lei pode ser prestadia na equiponderação da riqueza (restrições á propriedade constituida e garantias aos não possuidores); mas não pode criar riqueza, nem educação, nem força armada. Tudo isto depende da existencia de homens activos, empreendedores e sabedores. (Sabedores de teoria e pratica: educados pelo estrangeiro, quando não existam no país condições reais de aprendizagem—o que succede em quasi tudo).

Em noventa e nove casos sobre cem, o melhor meio de concorreres para o bem publico é valorizar-te a ti proprio como individuo:—moral, intelectual e economicamente.

Foi posto a premio aos lusos vates, nos jogos florais de Salamanca, o cantar um herói nacional á escolha do poeta. O juri premiou o candidato que decantou Santo Antonio, o milagreiro. Pois, senhores, nunca admirei um vate e um juri com mais perfeita admiração!

Nunca peças ao Senhor Ministro um milagre para proteger os interesses da tua classe, gravemente ameaçados por qualquer mal, antes de exgotares todos os meios de te tirares a ti proprio da dificuldade e de teres aconselhado os teus companheiros a que façam como tu. Todos querem que a solução particular seja o efeito milagroso da milagrosa solução geral; procura antes que a solução geral seja a soma das particulares. Em resumo, se as vossas bilhas se partirem, procurem logo fazer outras; não peçam a Santo Antonio que vo-las concerte.

Por isso eu tenho amor áquilo que para mim é a idea vital da «Renascença»: a acção social fóra da bambochata corriqueira do assalto ao Estado (Urnas, Pais da Patria, Senhores Chefes, etc). É esse o fogo vivo, que subjaz á fumarada,—saudosismo, genio da Raça, dosagem de sangue ariano(?) e sangue semita, de espiritalismo e paganismo, coisas talvez indispensaveis ao dito genio da dita Raça, como foguetes e bandeiras.

Não são essas quimericas, incognosciveis dosagens de sangues, que formam uma patria, mas sim os vinculos moraes, a mesma vontade e a mesma lingua, o mesmo sentimento e a mesma idea sobre a existencia nacional. Dòlicocéfalos ou braquicéfalos, loiros ou castanhos, são genuinos portugueses (imitando uma frase de Carlyle a respeito de Sakespeare) todos os subditos de el-rei Camões.

Quando te apontarem os teus defeitos, não te zangues, emendate. É a melhor maneira de agradeceres, se com bom coração tos apontaram, e de te vingares, se os apontaram com maldade. Poderíamos nós dar o exemplo. Teem acusado a «Renascença» de ser uma sociedade de elogio mutuo. Creio que realmente tem havido orgia de elogio mutuo. (1) Reconheçamo-lo, emendemo-nos e sigamos adiante.

Tu, se nos emendarmos não nos atires mais essa pedra; e os meus amigos da «Renascença» que me perdõem a franqueza:

Falai em tudo verdades
A quem em tudo as deveis.

(SÁ DE MIRANDA)

O devedor insolvel, na antiga Roma, passava a escravo do seu crédor. Hoje, entre as nações, continua na realidade a ser assim; uma nação de indigentes não se pode manter livre e digna: ha-de necessariamente ser escrava. Não oiças pois os monocordios poetizantes que te pregam o desprezo do que elles chamam as «realidades terrenas do mercantilismo».

Compara um balão a alto monte. Ambos sobem ás alturas em que a neve resplandece: o monte, porém, apoiado nessa realidade terrena

(1) Mais um ponto de contacto entre o saudosismo e o castilismo que Antero combateu em 65. O snr. Teófilo Braga, como eu já disse algures, traiu a significação profunda do movimento.

que lhe fica abaixo: e por isso não ha ventos que o destruam. Ao balão, pelo contrario, uma brisa o atira ao chão, sem cujo apoio pretendeu subir. Tais o idealista consistente e o ingenuo idealista.

Mais uma manifestação do pensamento *lusitano* monocordio, do pensamento-palmeira (um só tronco, sem ramificações): um homem, porque é poeta, despreza «a existencia de comerciante honrado»; outro, porque é comerciante, despreza «o espirito lunatico dos poetas». Pois não caberão as duas bolas no mesmo sacco? (1)

No dominio social, o Saudosismo é o Historismo lirico: a saudade dos «bons tempos» em que se era «uma nuvem de gafanhotos». Só alcançaremos um viver decente quando atirmos completamente ao diabo o Historismo e o Saudosismo, quando nos convenceremos afinal de que «o Brazil está em casa», no trabalho fecundo das profissões usuais. Se o Historismo em toda parte é a morte a entorpecer a vida, para as nações ibericas constitue ele muito especialmente uma monstruosa aberração, porque o nosso viver historico foi uma contradição monstruosa a todas as condições normais da vida e a todo o espirito da civilização moderna. Em qualquer especie animal, parasitismo significa degenerescencia e abjecção, do individuo e da comunidade.

Já disse alguém que ha mortos que é preciso matar: o Portugal historico é dessa especie.

Á saudade, lânguida e pálida flôr da imaginação contemplativa, opõe o diamante da *vontade* reflectida e recta.

Talent de bien faire seja a tua devisa: *talent*, quer dizer, *vontade*, *faire*, quer dizer, agir, ser empreendedor, criar riqueza espirital e riqueza material.

Floresçam na terra os saudosos e os poetas contemplativos, (em pequenino numero, bem entendido). Em arte tudo é legítimo, sob a unica condição de haver talento. O absurdo está na pretensão desses poetas de que um povo inteiro seja de poetas contemplativos. Floresçam os saudosos, e mesmo o *saudosismo*, como escola literaria; não porém, como princípio nacio-

(1) A primeira nação na poesia tem sido tambem a primeira nação no comércio:—a Inglaterra.

nal. Que dirias se amanhã toda a crusta terrestre, todos os montes e ervinhas, todas as arvores e animais, e o proprio mar de bravas ondas—pedissem a Jupiter que os mudasse em goivos?

Sê entusiasta e confiante, mas não sejas *confiante entusiasta*, não te deixes adormecer por esperanças vãs. De um consocio simpatico e generoso, que não tenho a honra de conhecer pessoalmente, afinando pela corda *lusitana*:

«Acabei de lêr, ha poucos dias o ultimo livro de Antero de Figueiredo, *D. Pedro e D. Inês*, e fechei-o com estas palavras que a minha alma agradecida rezou: Portugal não morrerá enquanto houver nele quem escreva assim!»

Pensa tu que logo depois dos *Lusiadas* tivemos nós sobre a garganta a pata do cavallo do duque de Alba. Ainda havia quem escrevesse como Camões e já o *requiem* soava em Alcacer. Não seria pois de estarrecer que nos caisse no lombo avaria grossa logo depois do romance do Snr. Figueiredo.

D. Duarte, Soares dos Reis, Antonio Nobre... A veios mórbidos vai beber o saudosismo *lusitano*, ideal artistico, moderno, e de uma minoria de literatos. Opõe tu a esse, o ideal popular e português «á antiga portugêsa,» menos poetico, durazio mesmo e bastante rude, mas infinitamente mais sólido, que tem por cimos literarios Herculano, o Camões dos *Lusiadas*, e o portuguesissimo Sá de Miranda.

Não houve geração *real* do passado, que nós devamos imitar agora; mas houve um ideal de tradição, abstracto como todos os ideais, e por isso adaptavel aos tempos de hoje: esse durazio português «á antiga portugêsa,» que a nação adoptou durante seculos.

Mostra o retrato de Herculano desenhado pelo nosso Carneiro a um compatriota de alta cultura, e depois á tua cosinheira, rude moçoila de ao pé de Agueda. Logo o caracterizam concordemente: é «um português ás direitas, um português á antiga portugêsa». Faze o mesmo com o Soares dos Reis do mesmo artista: o homem culto reconhece um poeta atormentado, e a cosinheira, «um senhor triste.» Já as duas almas não coincidem no reconhecimento de um tipo popular, de um ideal colectivo.

O ideal italiano foi o *Cortegiano*, de belo corpo e mente bela, formosamente vestido de côres for-

mosas, artista plástico e politico astuto, habilissimo no punhal, leitor de Horacio e de Platão, capaz de um discurso á Tito Livio e de uma epistola ciceroneana. O ideal francês foi o *honnête homme*, quer dizer, um fino espirito de salão, psicólogo subtil e esgrimista de florete, *homme d'honneur et homme d'esprit*. O ideal espanhol foi o *hidalgo*, que não é necessário descrever-te. O ideal inglês é o *gentleman* rico que colabora assiduamente no governo da nação, apaixonado pelo exercicio fisico, pelo mando e pela politica. Vê um bom retrato italiano do seculo XV, o rosto do *Voltaire* de Houdon, um guerreiro de Velasquez, o *busto da inglesa* de Soares dos Reis: sentirás logo as diferenças de espirito donde essas diferenças de ideais provêm. Volta depois ao retrato de Herculanio. Conclues d'ahi um tipo severo, leal, de bronze,

Homem de um só parecer
De um só rosto e de uma fé,
De antes quebrar que torcer,

em que a rectidão da vontade se pode aliar á simplicidade do ponto de vista, rude, um pouco empertigado na sua rabona escura, mas emfim consistente, lavado e forte. Longe vamos agora do artista plástico, e da astúcia, e das côres formosas do italiano; longe da subtileza psicológica, do requinte social, e do «espirito» do francês; longe da pompa épica castelhana; longe da paixão do inglês pela riqueza e pela intervenção na causa pública. Não te digo que sigas em absoluto esse ideal «á antiga portugueza»; mas lembro-te que artisticamente inferior ao saudosista, ele lhe fica socialmente muitissimo superior.

Não consagres um minuto ao pensamento de destruir. Não julgues necessario destruir primeiro o antigo para o substituir pelo moderno. A destruição deve ser indirecta e um efeito da criação. Cria tu energias novas, e o que fôr caduco cairá por si.

A *revolução construtiva*, que te eu prego, não exige o sêr precedida de qualquer especie da revolução destruidora. Nada disso. A mania do bota-abaxo só serve para dificultar tudo e complicar mais a situação. Como escreveu Antero de Quental ha 40 anos, «revolução não quer dizer guerra, mas sim paz; não quer dizer licença, mas sim ordem, ordem verdadeira pela verdadeira liberdade. Longe de apelar para a *insurreição*, pretende *preveni-la*». Mas a

ideia-fixa do revolucionario profissional é a de tornar a insurreição inevitavel, e não a de fazer tudo o possivel para tornar desnecessaria a insurreição.

Não me chames pessimista desesperado. Creio que o povo e a terra portugueza teem todas as condições para, combatidos os efeitos do antigo viver parasitario, erguer ao lado dos grandes povos uma civilização fecunda em esplendores viris.

Quanto mais talento um homem tiver, mais lhe debes exigir como caracter.

Tratando-se de pôr em pratica qualquer idea, considera sempre o valor moral e intelectual dos que a pretendem realizar. Se te não parecerem bons esses homens, não lhes dêes o teu auxilio, ainda que a idea te pareça excelente.

Se achares bons e virtuosos estes meus dizêres, não concluas imediatamente que sou bom e virtuoso; mas que sou talvez, como tantos outros, um charlatão. Só pelo conhecimento do meu proceder debes concluir a semelhança entre as minhas palavras e o meu caracter.

ANTONIO SERGIO.

Subscrição nacional aberta pela «Renascença Portuguesa», a favor de Gomes Leal:

Transporte	1:073\$070
<i>Lista n.º 50 (Cabeceiras de Basto)</i>	
Afonso Motta Guedes	500
Agostinho M. Guedes	500
Avelino de Sousa	500
Arnaldo da Costa Santos	500
F.	500
Arnaldo Costa	500
Dr. José Cardoso	500
João B. C.	500
Ilidio L. da Mota	500
Antonio Mota	500
Alfredo P.	500
Subscrição aberta pelo «Debate» de Matosinhos	26\$900
Ateneu Comercial de Lisboa	3\$000
<i>Lista n.º 500 (Pôrto)</i>	
J. P. T.	2\$000
M. C. Queiroz Lencastre	500
J. G. Lencastre	500
M. G. Q. Lencastre	500
M. R. Queiroz Lencastre	500
D. J. Q. Lencastre	500
M. H. Q. Lencastre	500
A. T. C.	1\$000
J. T. M.	1\$000
J. Q. T. C.	500
M. J.	500
D. H. de Bacellar	1\$000
J. Peixoto Real	1\$500
M. de A. P. T.	500
M. A. P. T.	500
Revista «A Manhã»	2\$500

Subscrição d'«O Primeiro de Janeiro» (Continuação)	155\$410
<i>Lista n.º 531 (Pôrto):</i>	
D. Margarida Conceição Ferreira	100
Anonimo	500
<i>Lista n.º 613 (Pôrto):</i>	
Direcção do Club Fenianos	10\$000
<i>Lista n.º 114 (Pôrto)</i>	
X. X. X.	1\$500
A. A.	500
A. B.	500
Continúa	1.290\$980



A obra da «Renascença Portuguesa»

(Continuação)

Em 19 de Julho, n.º 19 da *Águia*.

Em 23 de Julho, conferência de Leonardo Coimbra no Centro Commercial sobre «A Morte».

Em 31 de Julho, edição do *Só* de António Nobre.

Em 2 de Agosto, n.º 16 da *Vida Portuguesa*.



«A Renascença Portuguesa»

Reuniu o conselho de administração d'esta Associação de literatura, arte, sciência, filosofia e crítica social, tratando de varios assuntos de interesse interno.

Foi resolvido proseguir a série de conferencias, enquanto não reabre a Universidade Popular, sendo a primeira a do ilustre professor sr. Leonardo Coimbra sobre a «Morte».

Aprovou-se o balancete de junho ultimo que acusa uma receita de 242\$256 reis e uma despesa de 158\$554 reis. O balancete do primeiro semestre mostra uma receita de 1.525\$538 reis e uma despesa de 1.441\$836 reis ou seja um saldo de 83\$702 reis.

Foram admitidos 5 novos socios.

CAMILLO INÉDITO

Prefacio e Notações do

VISCONDE VILLA-MOURA

100 cartas de Camilo e uma declaração autografa annunciando o suicidio.

1 vol—500 reis.

MÁRIO BEIRÃO

O ULTIMO LUSIADA

1 vol—500 reis

ANTÓNIO NOBEE

SÓ (3ª edição)

1 vol—800 reis.